

ESPAÇO E HISTÓRIA: O SERTÃO DA PARAÍBA NA NARRATIVA DE MAXIMIANO LOPES MACHADO

Luíra Freire Monteiro¹
Marinês Cavalcante da Silva²

RESUMO

O presente trabalho tem como cerne a escrita emblemática de Maximiano Lopes Machado, um dos primeiros homens de letras a se dedicar à escrita de uma história paraibana, na qual se institui os rizomas do que KAUFMANN (1993) nomeou como *arquitetura identitária*. Tomando como ponto de partida de sua narrativa os eventos que demarcam a conquista dos territórios litorâneos da chamada capitania real, Machado se dedicou à demarcação da interiorização da capitania, legando para a posteridade a narrativa de um novo espaço denominado sertão. Ao tempo em que entendeu o sertão como extensão da conquista em si, Machado foi capaz de vislumbrar as especificidades regionais, constituindo tipos, culturas, demarcando nomes e eventos nesse sentido. Seu exercício, em nosso entendimento, e mesmo ao contrário das pretensões daquele historiador, demarcam uma identidade nova ao paraibano do sertão. A respeito do autor, é imprescindível evidenciar que, mesmo não sendo historiador de formação, aqui será tratado como tal, consoante o entendimento de FALCON (1996), IGLESIAS (1988) e KOSELLECK (2001), ao estabelecerem que o que dá forma a tal identidade é a autoconsciência de ter produzido ou tentado produzir um texto de História, bem como aquele que é reconhecido por tê-lo produzido. Uma incursão pelo seu fazer, pelas formas adotadas em sua narrativa, assim como pelo contexto de sua criação, reprodução e utilização que aqui se propõe representará um pequeno, embora não menos importante avanço no conhecimento da cultura histórica da Paraíba, em termos temporais, bem como da própria cultura historiográfica local.

Palavras-chave: Historiografia. Identidade. Sertão.

ABSTRACT

The present work has with core the emblematic writing of Maximiano Lopes Machado, one of the first men of letters that dedicated to the writing of a paraibana history, in which institutes the rhizomes of what KAUFMANN (1993) nominated as identity architecture. Taking as starting point of its narrative the events that demarcate the conquest of the littoral territories of the called real captainship, Machado dedicated to the landmark of the internalization of the captainship, bequeathing for the posterity the narrative of a new called space hinterland. To the time where it understood the hinterland as extension of the conquest in itself, Machado was capable to glimpse the regional specificities, constituting types, cultures, demarcating names and events in this direction. Its exercise, in our agreement, and exactly in contrast of the pretensions of that historian, demarcates a new identity to the paraibano of the hinterland. Regarding the author, it is essential to evidence that, even not being a formation historian, such man will exactly be treated here as, consonant the agreement of FALCON (1996), IGLESIAS (1988) and KOSELLECK (2001), when establishing that what gives form to such identity is the self-conscience to have produced or attempted to produce a History text, as well

¹ Luíra Freire Monteiro é doutora em História na área de Identidades, práticas e representações do mundo contemporâneo, professora efetiva da Universidade Estadual da Paraíba, pesquisadora do Centro de estudos da Cultura e da Sociedade (IHCS) da Universidade de Coimbra, vinculada ao Doutorado em Altos estudos em História, da mesma universidade.

luirafreire@live.com.pt

²Graduanda do Departamento de História da Universidade Estadual da Paraíba.

Email: marinesfreire@hotmail.com

as that is recognized for having produced it. An incursion into its way to make, for the forms adopted in its narrative, as well as the context of its creation, reproduction and use that is considered here will represent a small one, even so not less important advance in the knowledge of the historical culture of the Paraíba, in secular terms, as well as the own local historiographical culture.

Keywords: Historiography. Identity. Hinterland.

INTRODUÇÃO

A emblemática busca por uma narrativa específica de um lugar, escrita de modo minucioso sobre uma dada região, sobretudo, de uma localidade, é a base que norteia nosso problema de pesquisa. Neste aspecto, tomaremos como aporte os escritos do irreverente paraibano, Maximiano Lopes Machado, o pioneiro no que se refere às narrativas paraibanas que, através de suas escrituras proporcionou uma história para a Paraíba. Uma escrita sobre esta localidade antes inexistente diante de um contexto histórico e identitário.

Machado produziu sua obra “História da Província da Parahyba”, dedicando-se através de um contexto bastante amplo e cronológico, discorrer a cerca de acontecimentos voltados também a um Brasil, porém, suas abordagens realizadas acerca da Capitania da Paraíba são de todo modo as primordiais. Nesta obra, pudemos perceber as inúmeras influências dos fatores ocorridos em todo o país, que se refletiram nas microrregiões, onde a Paraíba sem sombra de dúvidas fora partícipe.

Para melhor compreensão acerca do nosso trabalho e do autor estudado, é importante ter conhecimento de dados sobre sua vida e consequentemente do contexto de produção de sua obra, para que sejam justificadas algumas ações do mesmo. Diante disto, gostaríamos de mencionar que Machado foi escritor de vários outros trabalhos relacionados às regiões paraibanas, o que facultou ao mesmo o título do primeiro e o mais importante historiador paraibano. Nascido na capital da província da Paraíba, atual João Pessoa em 07 de Agosto de 1821, filho de um comerciante português de nome Manoel Lopes Machado e de Anna Joaquina Albuquerque Machado. Ao contrário de outras crianças de sua época, Machado teve a oportunidade de seguir uma carreira acadêmica iniciando seus estudos com padres no Convento Madre de Deus em Olinda, onde cursou todo o ensino primário e secundário.

Na Faculdade de Direito, também em Olinda, se formou e tornou-se bacharel em Ciências Jurídicas e Sociais e logo após, foi nomeado Promotor Público de Olinda, Juiz Municipal de Areias, Delegado, e Deputado Provincial em várias Legislaturas, sendo também um político nato ao qual assumia a chefia do Partido Liberal, fator esse que de alguma forma contribuiu na contextualização de sua obra e de certo modo na dificuldade para sua publicação uma vez que seus ideais não iam de encontro aos do senhor Presidente da Província que era totalmente conservador.

Inegavelmente, Machado foi um homem de grandes participações no que diz respeito à política de sua época e, sobretudo, um grande curioso da história. Sua biografia nos permite entrever em seu perfil social um típico integrante das academias brasileiras, dedicado à escrita do nacional. Não à toa, Machado se dedicou durante anos em construir uma história para Paraíba, algo que não existia antes de suas pesquisas, o que se tinha era uma história bastante ampla, focada nas generalidades de um pretendido Brasil, sem maiores preocupações com as singularidades dos específicos espaços que o compunham.

Com relação ao enfoque sobre a Paraíba, por sua vez, esta só tinha relevo, nesse tipo de narrativa, quando vinculada à história de Pernambuco. Essa imbricação política, derivada da própria composição territorial da Paraíba, parece-nos ter sido motivo de grande desconforto para os paraibanos novecentistas, que se dedicaram à desconstruí-la, como é o

caso do nosso autor. Fazia-se necessário a construção de uma identidade própria, um tipo paraibano específico, diferente dos de Pernambuco, cuja história formativa não poderia (assim como não o era) ser a mesma da Paraíba.

Ainda sobre sua obra, é imprescindível mencionar que sua produção estava pronta desde 1885, no entanto só veio a ser publicada em meados de 1912 em detrimento de inúmeros fatores, tantos políticos como próprio de seu falecimento em 11 de fevereiro de 1895. Algo bastante curioso em meio a essa discussão é que existiram outros dois grandes escritores que se dedicaram a trabalhar sobre a perspectiva paraibana. São eles: Irineu Ceciliano Pereira Joffily, que teve sua obra publicada em 1892 antes da publicação do trabalho de Machado, e por fim, Irineu Ferreira Pinto, o grande desmembrador das mais importantes datas e notas da Paraíba. Todos foram tomados pelo Instituto Histórico Geográfico Paraibano – IHGP como os pilares da historiografia paraibana. Embora Joffily tenha tido sua publicação pioneira, o próprio IHGP intitulou a História da Província da Parahyba, de Maximiano Machado, como sendo a primeira obra de história sobre a Paraíba.

Sendo assim, este se tornou o primeiro e mais importante escritor sobre esta província propondo-lhe, através de suas palavras, uma identidade: aquela que DIAS (1996) denominou de Paraibanidade. Desde o princípio este autor passou por inúmeros desafios até conseguir concluir este belíssimo trabalho; os primeiros momentos de suas pesquisas até o instante de sua publicação foram verdadeiros obstáculos, no entanto, toda dificuldade foi valorosa. É a partir de toda essa significância existente nesta obra, que objetivamos mostrar como Maximiano Machado desvenda essa identidade também existente e enfatizada pelo mesmo no Sertão paraibano.

1 IDENTIDADE NACIONAL E IDENTIDADE LOCAL

A busca pela produção de uma identidade nacional precisamente brasileira se deu a partir da independência do Brasil da coroa Portuguesa em 1822. Para tanto, em 1838, após o incentivo fundamental da Sociedade Auxiliadora da Indústria Nacional- SAIN-, foi fundado no Rio de Janeiro o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro- IHGB (DIAS, 1966), composto por uma geração elitista que acabara de vir para o Brasil em detrimento de invasões ocorridas na Europa.

Após este momento de independência, viu-se a necessidade de constituir uma história, uma escrita que fosse capaz de identificar essa nação através de suas próprias culturas, crenças, língua, e, sobretudo, etnias. No entanto, identificamos em GUIMARÃES (1988), que esta nação não seria tão diferente daquilo que já exista, ou seja, a criação desta identidade seria realizada por uma elite política, letrada, havendo, portanto, exclusões daqueles que fossem diferentes dos civilizados brancos. Contudo, veremos que o Brasil miscigenado não seria de modo algum uma unidade, na qual, todos seriam participantes dessa pretendida nação.

Para melhor compreensão podemos analisar a própria fala do autor ao mencionar esta definição de nação brasileira que estava por emergir:

O conceito de nação operado é eminentemente restrito aos brancos, sem ter, portanto, aquela abrangência a que o conceito se propunha no espaço europeu. Construída no campo limitado da academia de letrados, a Nação brasileira traz consigo forte marca excludente, carregada de imagens depreciativas do “outro”, cujo poder de produção e ação extrapola o momento histórico preciso de sua construção. (GUIMARÃES, 1988, p.7).

Sob tal enfoque, percebemos que a criação do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro - IHGB não propunha abarcar a sociedade brasileira tal qual ela era, pois, como frisa Guimarães, o “outro” o diferente, de uma elite portuguesa já existente não estaria

engajado no perfil que se buscava para esta nação. Em detrimento desse contexto, percebemos uma alteridade que se faz presente e nos leva a indagar como pensar em uma nação brasileira, sem mencionar os negros, os índios, os mulatos, os escravos, enfim, aqueles que faziam parte desse habitat nacional?

Neste sentido produzir uma historiografia própria de um Brasil, tornou-se um imenso desafio para os fundadores desta identidade. Diferentemente da Europa onde nação e estado foram pensados em esferas distintas, no Brasil a nação, o estado e a coroa estavam entrelaçadas em meio à questão nacional, conforme assevera GUIMARÃES (1988). Tal fator corrobora para uma permanência portuguesa em meio a uma desejada nação, numa identidade que fosse única e capaz de consolidar o povo brasileiro em suas mais distintas características, como é possível perceber nesta afirmativa de KAUFMANN ao se referir ao verdadeiro sentido de pertencimento de uma dada união:

A identidade é um sistema de sentimentos e de representações de si mesmo, (ou seja) o conjunto das características físicas, psicológicas, morais, jurídicas, sociais e culturais a partir das quais a pessoa se pode definir apresentar-se, conhecer-se e fazer-se conhecer, ou a partir das quais os outros a podem definir, situar ou conhecer. (KAUFFMAN, 2003 p.39.).

A este modelo podemos concluir que, a nação brasileira que se buscava estava desfocada desse ideal apresentado de união de um povo, formado por diversos fatores, que o tornam diferente em todo contexto de nacionalidade. O povo brasileiro se constitui a partir de numerosas etnias, religiões, culturas, e por ser desta forma, projetar algo que não viabilizasse todos esses aspectos tornaria essa construção inviável. Como o próprio Darcy Ribeiro (2006), mencionou o povo brasileiro, expressa inúmeras características, costumes e comportamentos que o tornam diferentes em meio a essa discussão identitária. Em detrimento disto, essa formação nacional não poderia perder este sentido do que é o “verdadeiro” Brasil.

Ao ser fundado em 1838, o IHGB tinha como objetivo propor ao Brasil a escrita de sua gênese, um trabalho que pudesse além de incorporar todos os brasileiros, despertar nestes indivíduos aquilo que GUIMARÃES (1988) frisou, o amor pela pátria, a coragem, o sentimento de pertencimento daquele espaço, independentemente de sua classe social ou étnica, a obtenção de uma história própria de um novo Brasil que começava a caminhar sozinho. Do mesmo modo REIS (2007) afirma que o IHGB exerceria uma grande influência e seria o único centro de estudos históricos e geográficos do Brasil, o qual buscava legitimar essa nação através de referências luso-brasileiras. Assim, esta nação seria constituída a partir do interesse de um grupo e das representações de um passado existente e influenciável neste novo discurso CHARTIER (1990).

Referente a esse contexto, ANDERSON (2008), discorre a respeito do que é o sentimento de uma nação, mostrando que existem três conceitos que a definem, e que são imprescindíveis para que a nacionalidade seja entendida. Segundo Anderson, elas são limitadas, soberanas e principalmente são criações imaginadas. Limitadas, pois independente da extensão de seu território este sempre terá uma fronteira finita, são soberanas, uma vez que perpassaram por um grande pluralismo de religiões em todo o mundo e são imaginadas em detrimento de que, embora todos os indivíduos daquele território não partilhem das mesmas condições de vida, mesmo nunca tendo se encontrado face a face, todos compartilham de símbolos que os tornam comuns diante desta nacionalidade.

Esses símbolos são mencionados pelo autor de modo bastante nítido, nos fazendo compreender perfeitamente sua visão quanto ao conceito de nação. Anderson cita, por exemplo, os períodos de copa do mundo, onde todos os brasileiros, assim como as demais nacionalidades, param para homenagear e torcer por seus países, para isto são utilizadas vestimentas e signos representantes de sua nação, o hino, as bandeiras enfim, tudo o que possa

mostrar seu pertencimento a este dado lugar. Por sua vez CHARTIER (1990) menciona que as representações também têm esta função de simbolismo, os quais fazem referência a um lugar de memória de uma estrutura social.

Na mesma propositura em que foi criado o IHGB, criou-se também, em outro contexto e com um propósito de expansão e especificação do modelo primário do IHGB nas microrregiões, institutos que sugeriam a escrita de si de maneira específica, minuciosa e detalhada, objetivo este que de modo algum seria possível através de uma história geral como foi a de Adolfo Varnhagem quando se dispôs a escrever uma História Geral viabilizando uma totalidade de Brasil. Deste modo, foi criado em 1905, período de um Brasil Republicano, o Instituto Histórico e Geográfico Paraibano, o IHGP, voltado especialmente para destacar os grandes marcos temporais e as singularidades desse local.

Segundo DIAS (1996), os fundadores do Instituto Histórico e Geográfico Paraibano, o IHGP contava com perfis bem semelhantes aos fundadores do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, eram pessoas da elite de cargos públicos, letrados, com formação, sobretudo, em umas das principais escolas localizadas na capital da província da Paraíba, atual João Pessoa como é o caso do Liceu Paraibano e a Faculdade de Direito do Recife. Assim como o IHGB, o maior intuito do IHGP era proporcionar à Paraíba, aquilo que lhe faltava, uma escrita contendo os verdadeiros fatos dessa microrregião tornando-a uma Paraíba com história diferentemente daquilo que existia, como bem enfatiza DIAS (1996), ao mencionar que “o que constava era a existência de uma crônica sobre a Paraíba, muito ligada a Pernambuco e ao Brasil”.

A partir desse instituto a Paraíba passaria a ter uma história, que além de ser muito significativa seria escrita por paraibanos e para os paraibanos, fator de uma relevância exorbitante. Dentre eles estaria um dos mais importantes, o autor Maximiano Lopes Machado que também fez uma crítica sobre o que realmente encontrava-se referente à Paraíba, segundo ele, éramos:

Um povo sem historia, sem precedentes conhecidos que atestem as revoluções do seu espírito, é como o indivíduo extranho que passa com a indiferença do desprezo, senão com a parodia sarcastica que provoca o riso. A Parahyba estava neste caso; desconhecida, motejada e ate considerada por alguns como uma mera abstração, deixavam-n'a quando muito no seu canto moirejando para satisfazer com suor do trabalho a hospitalidade recebida em seu próprio paiz! (MACHADO, 1912, p. I)

Estas foram às palavras utilizadas pelo autor no prólogo de sua obra nas primeiras entrelinhas de seu trabalho mostrando verdadeira indignação diante de tudo o que havia sobre a Paraíba. Em meio a isto, percebemos esta necessidade de uma história especificamente paraibana que fosse bem mais do que simples crônicas como DIAS (1996), as denominou ou até mesmo pequenas linhas como é citado pelo próprio Machado ao fazer a seguinte afirmativa:

É a Parahyba um dos estados menos conhecidos da Uniao Brasileira; a sua história, depois da guerra Hollandeza, reduziu-se a poucas paginas e até, pode-se dizer sem exageração, a poucas linhas; (MACHADO, p.I).

Sob esta exclamação, percebemos o quão pouco se tinha sobre esta localidade e principalmente vemos que o pouco existente foi perdido em detrimento da grande invasão e das guerras estrangeiras. Tudo isso possibilitava o silenciamento desse espaço, tornando-se desconhecido e sem importância diante de todos os escritos encontrados. Todavia, esta situação foi modificada por meio da criação do IHGP que buscava, sobretudo, formular através desses escritos a criação de uma identidade, a qual seria específica de um povo em decorrência de tudo que haviam de comum entre eles. Assim, o povo paraibano teria algo seu, uma identidade própria diferente em meio a todo o contexto de história do Brasil e do mundo.

Essa identidade comum seria a *paraibanidade*, como podemos perceber nesta seguinte afirmativa da autora Margarida Dias:

A base da historiografia sistematizada pelo Instituto Histórico e Geográfico Paraibano teve como idéia central a existência de um tipo específico de ser humano que se define por ser paraibano, algo que chamaremos nesse trabalho de paraibanidade. Termo esparsamente utilizado pelos fundadores do IHGP, mas que é o grande definidor de todo o pensamento criado pelo Instituto Histórico. (DIAS, 1966, p. 50).

Sob tal enfoque, identificamos que a busca por uma demarcação tanto de um território como da construção de um tipo único de um povo fora o maior objetivo do Instituto Histórico e Geográfico Paraibano. Este buscava, acima de tudo, englobar todos os aspectos envolventes e participantes dessa esfera local. A construção dessa identidade seria definida com a colaboração de todos, independentes de seus habitats e até mesmo de suas posições sociais.

O povo paraibano foi construído como sendo único em meio às discussões do IHGP, e passaram a ter uma significância também única em detrimento de outros espaços vizinhos como é o caso de Pernambuco, que perderia sua força diante das narrativas paraibanas.

O paraibano, a partir desse momento, terá uma identidade própria, não será mais confundido por não ter uma escrita de si, um avanço de sua cultura histórica abrangendo seus termos temporais e também sua própria cultura historiográfica local, dados esses que seriam realizados por filhos da terra conhecedores de suas verdadeiras estimas²

De todo modo, a criação desse instituto possibilitou essa emergência identitária aos paraibanos de todos os lugares do estado, que passaram a ser tratados como único e homogêneo, contendo em todos os seus recantos o mesmo cariz. Assim, ter a paraibanidade como algo seu tornou-se primordial e presente em ambos os contextos de localidade. Por sua vez, esta paraibanidade criada através dos discursos ocorreu mesmo em detrimento das diferentes vivências desse povo, e tendo, sobretudo, fatores econômicos e culturais divergentes, entretanto, isto não foi empecilho para que esta identidade fosse construída, e menos ainda motivo para impedir a existência dessa unidade de povo paraibano.

2 A PARAIBANIDADE PRESENTE NO SERTÃO

Em meio ao contexto de criação de uma identidade local, o paraibano Maximiano Machado buscou através de sua obra, um estudo e uma escrita mais precisa sobre a identidade paraibana dando ênfase não apenas ao litoral, mas demarcando também o espaço sertanejo. Seu intuito era fazer o diferente diante das narrativas encontradas nos estudos acadêmicos brasileiros voltados a esse contexto. Sua pretensão nos possibilitou ver que diferente do que havia nas discussões gerais, a Paraíba necessitava de estudos mais precisos e detalhados os quais fossem capazes de propor a esta microrregião uma verdadeira história, sem tantas lacunas como fora realizada na História Geral de Varnhagem.

Machado tornou-se fundamental em meio à historiografia paraibana devido, sua inigualável força de vontade em oferecer ao povo de sua gênese uma história de cunho formador de unidade, mostrando que sobre aqueles indivíduos existiam bem mais do que simples artefatos e, o mais importante, ele discorre essa identidade por todos os vieses,

² Segundo DIAS (1995), e demais autores da historiografia local, como o referido MACHADO (1912), a dita paraibanidade possui alguns aspectos fundamentais para sua compreensão. Dentre esses podem ser citados, a pacificidade do povo paraibano, a bravura, o heroísmo, a civilidade, a proteção, o liberalismo e acima de tudo o republicanismo, todos esses são características desta identidade, fomentada na conquista e colonização da Paraíba.

mostrando sua presença também no interior paraibano, ou seja, a paraibanidade vai mais além do que o simples âmbito litorâneo: ela se estenderia por todo o Sertão.

Machado entendeu o sertão como extensão do litoral, como continuação daquilo que se pretendia. Essa região fazia parte daquela identidade que se constituía, muito embora tivesse suas próprias culturas, sua economia, produção agrícola, enfim, suas especificidades.

Segundo o autor, o sertão era totalmente desconhecido, ainda não tinha passado pelas mãos dos colonizadores. Isto se evidencia em sua afirmativa, ao se referir às primeiras zonas conquistadas desse espaço após a demarcação de terras entre as capitanias de Itamaracá e Parahyba, devido às grandes invasões existentes em terras parahybanas:

Pelo lado do norte a zona conquistada avançava do littoral á Copaóba- hoje Serra da Raiz-, e dahi em rumo de sul ao Pilar a intestar com Pernambuco. Constituia o que estava devassado e submettido a décima parte do território actual da província. O sertão era absolutamente desconhecido, os missionários haviam chegado apenas ao sitio denominado Bultrins, um pouco ao norte da actual cidade de Campina Grande, onde ali e aqui conseguiram aldeiar um certo numero de potyguáras (MACHADO, 1912, p.329-330).

Diante deste fato é possível perceber que o interior ainda não tinha passado pela presença de nenhum colonizador, no entanto já havia de certo modo algum tipo de desenvolvimento, algumas pequenas povoações muito simples formadas pelos nativos que por sinal eram povos bastante rústicos, agressivos e destemidos. Diferentemente do litoral onde existiam as tribos Tupis formadas pelos Tabajaras e Potyguaras, no interior os nativos eram denominados de Tapuias, formados pelos índios Cariris, povo esse que - como já fora destacado - dotavam de um espírito guerreiro e bravo que a todo custo protegiam suas terras, sobretudo, no início da conquista do Sertão com as grandes construções de currais.

Vários brancos passaram por nossas regiões, dentre eles os Holandeses que, ao adentrar em terras paraibanas destruíram inúmeras aldeias em todo território. No entanto, esses não se dispuseram a ir mais adiante do que as áreas onde os portugueses já haviam conhecido permanecendo nas mesmas localidades e assim permitindo que o Sertão se mantivesse intacto de suas perspectivas colonizadoras.

Machado se refere a esse episódio abordando o papel dos missionários que, por falta de interesse ou devido às circunstâncias, não ultrapassaram nada mais do que Campina Grande permitindo que dali para o ocidente tudo permanecesse apenas sendo ignorado. Sobre tal fato é importante destacar a fala do autor referente a este espaço que se formava

Apenas se descobriram serras longínquas que, como nuvens presas á abóbada celeste, outras mais próximas, avançando vertiginosamente de occidente para oriente em meio de um horizonte cheio de luz, mostram as suas ondulações ora assombradas pela intercepção dos raios solares, ora iluminadas por eles.

A mudez da solidão, de uma solidão sem mattas e sem cachoeiras, onde o gorgoeio das aves e o fragor das águas dessem signaes de vida ao silencio da morte, tudo isso desvairava o pensamento, fazendo acreditar aos mais imaginosos na existência de um paiz mysterioso que a audácia do homem fugia reconhecer.

No entanto esse paiz estava se povoando sem que o governo e os habitantes da área já conquistada o soubessem (MACHADO, 1912, p.333-334).

O autor mostra de maneira bastante poética que essas terras do sertão eram, além de misteriosas, um território onde já havia pequenas povoações, muito embora fossem minúsculas e desconhecidas das autoridades responsáveis pelo local, mas que pouco a pouco iam crescendo e formando sua própria identidade. Interessante mencionar que o sertão passou a ser colonizado e verdadeiramente desmembrado, a partir de um jovem português cujo nome Domingos Affonso Sertão ou Mafrense que passara a explorar novas terras em vários lugares

e por ocasião adentrou os territórios do sertão do Ceará e também o da Paraíba, como bem referencia (MACHADO, p.334).

A partir desse episódio, outros exploradores como o bandeirante Domingos Jorge, apossaram-se de muitas terras e foram montando fazendas de gado nos territórios conquistados, sobretudo no Piancó. Este espaço foi alvo de grande investimento voltado à pecuária, pois, possuía uma abundância em água e bons pastos além de ter vastos terrenos que por ventura eram essenciais para à criação dos bovinos.

Com a formação desses grandes currais e posteriormente com a fundação do arraial em Piranhas é que o sertão foi sendo colonizado e a população crescendo de forma grandiosa. Este arraial foi construído com a colaboração de Theodosio de Oliveira Ledo natural da Bahia grande inimigo daqueles naturais tão temidos. Este arraial seria um grande colaborador e protetor daquela população que necessitava dessa indústria agropastoril já bastante desenvolvida.

Com esses desenvolvimentos vemos que o sertão, assim como o litoral partilharam de experiências bastante semelhantes, onde os aspectos essenciais para formação da paraibanidade denominados por DIAS estão presente. E é por este motivo que podemos afirmar, através dos escritos de Machado, uma identidade paraibana comum a todos os desdobramentos da capitania.

A bravura dos naturais do sertão era algo bastante presente nessa perspectiva interiorana: as grandes construções de currais, o cultivo do algodão, o plantio de várias sementes como o arroz, o milho, o feijão, os minerais, a urbanidade, grandes personagens como é o caso do próprio Theodósio de Oliveira Ledo. O coronel Francisco Dias d'Ávila opulento proprietário da Bahia, entre outros, foram fundamentais nesse processo de desmembramento do sertão.

Outro aspecto a ser mencionado é a existência de uma alteridade em meio a essa discussão, dado imprescindível para se firmar a própria identidade, conforme admoestado por MONTEIRO (2016). A presença do “outro” do português, do bandeirante paulista, nesse âmbito sertanejo, como foi citado anteriormente, é algo imprescindível no discurso de Machado, mostrando que a participação do diferente perante o simbólico paraibano, foi de grande importância para essa identidade que se formava. Deste modo é imprescindível mencionar que a “paraibanidade” possuiu sua invenção através do espaço litorâneo, entretanto, identificamos também que o interior teve uma contribuição bastante lisonjeada nesta construção identitária, uma vez que as referências relativas a esse espaço são bastante visíveis no discurso do autor analisado.

Maximiano Machado ao mencionar o povoamento da Paraíba como um todo, enfatizando a economia, mostra que o sertão e o litoral, em algum momento, andavam juntos e assim entendemos que essas duas áreas contribuíram para uma unidade de um povo. Para melhor compreensão podemos observar a própria fala do autor:

Foi assim que se povoou a Parahyba; os dois núcleos do littoral e do sertão caminharam um para o outro até se encontrar no centro ou nessas terras de catinga, onde não havia fazendas de criar, nem engenho de assucar. O algodão era a sua única industria, o milho, o feijão e a mandioca a lavoura que todos zelavam como gêneros de consumo imediato. (MACHADO, 1912, p. 344).

Sob tal fito, vemos que antes de todo crescimento populacional e econômico o litoral e o interior partilhavam dos mesmos prestígios, tornando assim um único povo com um único meio de recurso industrial. Nesse momento e em vários outros notamos que a identidade desse povo se constituiu a partir dos entrelaço de ambos, independente de conterem suas especificidades locais e desta forma, identificamos a paraibanidade explícita nos entrelaços sertanejos.

Contudo, entendemos que a identidade sertaneja é algo bem maior do que se pode imaginar, ela vai além do que a história pode descrever, falar desse termo identidade ainda é algo bastante complexo, e torna-se mais complicado ao nos depararmos com as constantes crises dessa identidade identificada por HALL (2005), as quais estão impregnadas em meio à dita pós-modernidade. Para tanto se faz necessário termos certeza daquilo que consideramos ser, pois como o autor menciona somos sujeitos descentrados e por este motivo podemos ou não nos sentir parte desta identidade a qual o IHGP formulou para os paraibanos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A narrativa do autor possibilitou de forma clara a compreensão acerca da criação dessa identidade local denominada “paraibanidade”. Ao identificarmos na escrita do autor relatos a respeito dessa formação, concluímos que as personalidades sertanejas participaram dessa construção de modo homogêneo, tendo a mesma importância e significância diante desse aspecto identitário.

O sertão e sua colonização passaram a fazer parte do mosaico paraibano de maneira visível nas descrições do autor. Vimos suas referências para com esta localidade sertaneja de modo bastante exaltado. O sertão contribuiu de inúmeras formas para o crescimento da Paraíba, passou a fazer parte desse arcabouço histórico e ganhou lugar na historiografia de vários autores. De todo modo, observamos nas discussões acerca do interior que existe uma continuidade daquilo já existente no litoral, como por exemplo, o heroísmo daquele povo, a busca por independência e liberdade de expressão diante do colonizador, personalidades fundamentais, o crescimento urbano e o desenvolvimento econômico e cultural, entre outros fatores que já foram mencionados outrora.

Diante de tudo que fora encontrado baseado na narrativa autoral, é possível entendermos que a nossa identidade é algo existente, e que assim como DIAS a afirmou podemos confirmar sua construção e utilizá-la como sendo parte de todos nós, pois, essa fora criada com a junção e a participação de todos os paraibanos independentes de serem litorâneos ou sertanistas. Nossa “paraibanidade” é algo único e pessoal e que já foi mais do que comprovada por nossos grandes escritores, principalmente por Maximiano Machado diante das grandes historiografias locais.

REFERÊNCIAS

ANDERSON, Benedict. **Comunidades Imaginadas**. São Paulo: Cia das Letras, 2008.

AQUINO, Viviane de Fátima. **A busca da identidade paraibana na obra de Eudésia Vieira “Terra dos tabajaras”**. Campina grande, 2014.

AQUINO, Viviane de Fátima. **Paraibano e sertanejo: Elocubrações Identitárias na retórica de Celso Mariz na obra “Através do Sertão”**. Campina grande, 2015.

CHARTIER, Roger. **A História Cultural: entre práticas e representações**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990.

DIAS, Margarida Maria Santos. **Intrepida Ab origine – O IHGP e a produção da história local**. João Pessoa: Almeida gráfica e editora, 1996.

GUIMARÃES, Manoel Salgado. **Nação e civilização nos trópicos**. *Estudos históricos*: Rio de Janeiro, nº 1, 1988, p. 5 a 27.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: D&P, 2005.

KAUFMANN, Jean Claude. **A invenção de si**: Uma teoria da identidade. Lisboa: Piaget, 2006.

MACHADO, Maximiano Lopes. **Historia da Província da Parahyba**. Parahyba: Imprensa Official, 1912.

MONTEIRO, Luíra Freire. **Retórica da alteridade: Portugal e portugueses na historiografia brasileira**. São Paulo: Hedra, 2016.

MONTEIRO, Luíra Freire. **Arquitetura da Paraibanidade**: recursos retóricos dos historiadores paraibanos na construção da identidade local. Iniciação Científica-PRPGP. Campina Grande, 2014.

MONTEIRO, Luíra Freire. **A Invenção de Si**: estratégias de construção da identidade territorial na historiografia paraibana. Iniciação Científica-PRPGP. Campina Grande, 2015.

OLIVEIRA NETO, Manoel Gomes de. **A Matutice Sertaneja e a Paraibanidade na obra “O Quebra-Quilo” de Geraldo Irineo Joffily**. Campina Grande, 2015

REIS, José Carlos. **As identidades do Brasil – De Varnhagen a FHC**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2003.

RIBEIRO, Darcy. **O povo Brasileiro: a formação e o sentido do Brasil**. 1ªed. 14ª reimpressão. São Paulo: Companhia da Letras, 2006.

SILVA, Marinês Cavalcante da. **A Identidade Paraibana na obra “História da Província da Parahyba” de Maximiano Lopes Machado**. Campina Grande, 2014.